

PELEOLOGIA

VILEM FLUSSER

Duas manchetes de jornais vespertinos inspiraram este artigo. "Do fígado de Pelé depende o futuro do Brasil" e "Massacre em jogo de futebol em Lima". A primeira transporta a mente contemplativa para a Roma republicana, quando de fígados de animais sacrificados dependia o futuro de Roma. A segunda evoca Bizâncio, quando jogos circences acabavam em lutas sangrentas. O confronto com o mito peiécico e com o "engagement" futebolístico acentua a alienação e o isolamento que caracterizam a situação da mente especulativa. Milhares vibram em simpatia com o fígado de Pelé, milhares oferecem as suas vidas em holocausto em prol do gol peruano, ameaçado pelas forças tenebrosas uruguaiãs, e a mente do intelectual continua fria, fechada em sua soberba prepotente. O propósito do presente artigo é a tentativa de apreciar o surgir dos mitos futebolísticos do ponto de vista do intelectual prepotente.

O pensamento existencial e a psicologia de "profundidade" procuram nos mitos a explicação da nossa situação e do nosso comportamento. Mitos são revelações do Ser, e todo mito revela o Ser à sua maneira. O Ser que se revela no mito estabelece uma situação, um mundo. O nosso mundo e a nossa atuação nele foi estabelecido por certo número de mitos. Esses mitos são os projetos da nossa existência, e todas as nossas escolhas estão prefiguradas nos mitos. Com efeito, a nossa vida em particular e a civilização da qual participamos em geral, não passam de realizações das potencialidades contidas nos mitos. O mito de Adão, por exemplo, estabelece um mundo dentro do qual temos corpo e alma. Adão é um dos nossos projetos, e a nossa civilização realiza, progressivamente, as potencialidades desse mito, realizando, de mil maneiras sutis, o nosso corpo (inclusive os seus instrumentos) e a nossa alma (inclusive religião, ciência e artes). Somos, pois, prisioneiros dos nossos mitos, e não podemos escapar dos nossos projetos a não ser que os realizemos integralmente, esgotando-os nesse processo. Um projeto inteiramente realizado é, neste sentido, um fim de mundo. A tecnologia pode ser interpretada (e é, efetivamente, assim interpretada por muitos pensadores), como realização total dos projetos do Ocidente.

fases. Assim seria por exemplo a história da física um ciclo sobreposto sobre o ciclo geral da história ocidental, e descrito no verso seguinte:

*"Heaven and earth were covered in darkest night.
God said: Let Newton be!
[and there was light.
The devil, hoilering hó!
Let Einstein be! restored
[the status quo".*

"Céu e terra estiveram cobertos por noite escura. Deus falou: Haja Newton! e houve luz. O diabo, gritando hó! Haja Einstein! restabeleceu o status quo).

Esta teoria cíclica da história tem seus atrativos. Concorde com o pensamento nietzscheano (o eterno retorno do sempre idêntico como vontade para o poder), pensamento este aliás que é uma das fontes dessa teoria. E satisfaz certos espíritos pessimistas que vivem profetizando o fim do mundo. Mas não concorda com o fato observável do surgir de novos mitos. Novos mitos surgem constantemente, e abrem constantemente novas possibilidades de realizações existenciais, como o mito de Pelé prova. Pelé como figura mítica representa um projeto para milhares de existências, e podemos observar em nosso redor milhares de pelés em miniatura que realizam as potencialidades contidas no mito que a figura de Pelé representa. Neste sentido e para estes milhares de existências é Pelé um desvendamento do Ser, um estabelecimento de um aspecto sacral do Ser, um aspecto sacral que podemos chamar de "futebol", e a nossa soberba em nada pode alterar o fato de que o futebol é uma vivência festiva do sacro. Os acontecimentos de Lima o provam.

O aparecimento de novos mitos deita por terra a teoria da circularidade do processo histórico em geral, e em particular da história do Ocidente. Enquanto aparecerem novos mitos, a nossa civilização estará sempre disposta para novas aberturas, para novas aventuras imprevisíveis. É curioso notar, neste contexto, como o marxismo, tão visceralmente inimigo de toda mitofilia, é vítima inconsciente da teoria da circularidade. O conceito do processo dialético da história é, no fundo, o conceito da realização progressiva do mito do corpo e da alma, e, por desconsiderar o aparecimento de novos mitos. Esses mitos novos não são an-

gumentação me parece falha. Por que seria Pelé um Hermes decadente? Qual é o critério que nos autoriza a proferir este juízo? Meramente o fato de não sermos adeptos do mito de Pelé, de não termos fé nele. Para nós intelectuais o novo mito não desvenda um aspecto sacro do Ser mas, pelo contrário, obstrui a visão da sacralidade pela sua vulgaridade. A glorificação e o endeusamento de Pelé é, para nós intelectuais soberbos, uma inautenticidade. Mas a vivência de milhares de pessoas desprova o nosso ponto de vista. Para milhares de pessoas são as atrizes de cinema autênticas "estrelas", como Venus e Marte, são "divas" como Juno. Não podemos julgar os novos mitos a partir da nossa própria alienação, mas somente a partir do empenho autêntico que provocam em tantos.

A seguinte observação, entretanto, deve ser feita. Os grandes mitos antigos foram comunicados pela boca dos grandes poetas. Hesíodo e Homero são as nossas portas para os mitos gregos, os profetas para os mitos judaicos, os apóstolos para os mitos cristãos, Dante, Cervantes e Goethe para mitos mais novos.

Não se descobre, na cena da atualidade, nenhum rapsodo de Pelé, nem de Bardot, nenhum bardo (1). São personagens à procura de um autor, são deuses à procura de um profeta, são mitos à procura de um poeta. Esta é talvez a razão por que nós, imersos em literatura, não podemos servir existencialmente esses mitos. Mas isto prova não serem falsos os mitos, mas serem mitos "in statu nascendi". São, com efeito, novos aspectos do Ser que se precipitam sobre nós para serem articulados. Há neles um novo senso de festividade, um novo senso de aventura, um novo senso de beleza, por ora inarticulado. Clamam por uma nova civilização, por uma nova realização a superar a civilização tecnológica em vias de esgotamento. Em suma: estamos num estágio no qual carecemos de poetas.

Os leitores provavelmente discordarão violentamente da minha tentativa de profetizar um "panteon" novo a partir de Pelé e deuses semelhantes. Com efeito, admito que parece ser uma tentativa grotesca. E admito ainda que não a faço sem uma certa dose de ironia. Não serei o primeiro a colocar flores nos altares das novas divin-

Neste sentido alguns afirmam iminente o fim do mundo. A bomba H não passaria, deste ponto de vista, do ultimo elo de uma cadeia contida "em projeto" nos mitos do Ocidente, por exemplo, no mito da torre de Babel e de Prometeu.

A historia do Ocidente seria, portanto, um vasto ciclo que brota de mitos para desembocar e diluir-se neles. Com efeito, a historia do Ocidente não seria senão uma espécie de exemplificação das historias contadas pelos nossos mitos, e o aparente tempo linear dessa historia não seria senão um segmento do tempo circular que caracteriza os mitos. O tempo historico seria um subaspecto do tempo mitico, aliás um subaspecto tipico do projeto do Ocidente. Na realidade, a historia se fecharia em circulo, e os acontecimentos historicos seriam um eterno retorno do sempre identico prefigurado nos mitos. O grande circulo que seria a historia da civilização seria caracterizado por epiciclos, que corresponderiam às suas diversas

teses de uma dada situação, mas são revelações totalmente novas. Daí ser, curiosamente, o marxismo uma variante das teorias da circularidade, embora de aparentemente tanta importancia ao progresso.

E' possivel tentar salvar essa teoria afirmando serem os mitos novos variações de mitos antigos. Assim a figura de Pelé seria apenas uma reencarnação de um arquétipo mitico, por exemplo de Hermes, como a figura de Brigitte Bardot seria a reencarnação de Afrodite, a nascida da espuma. Não se trataria, "sensu stricto", de mitos novos, mas de um reaparecimento ciclico de mitos primordiais e antigos. Pelo contrario, afirmariam os defensores dessa teoria que a decadencia do mito de Hermes e Afrodite em Pelé e Brigitte Bardot seria prova do próximo fim do ciclo. Pelé e Brigitte seriam as ultimas realizações dos mitos antigos antes da bomba. Ou antes da sociedade comunista, que é, afinal, um outro aspecto escatológico do mesmo processo. Mas esta ar-

dades. Mas procuro ver a cena da atualidade com olhos não pré-conceituados. Não posso negar a evidencia que aponta a direção por mim indicada. Podemos ou não simpatizar com o novo mundo que se prepara, mas creio que não devemos negá-lo. Enxergar a ponta do nariz é, afinal, o papel do intelectual no concerto da sociedade. Não devemos negar o mundo novo, mas devemos tentar influir sobre ele, e este é o propósito do presente artigo dentro das limitações modestas que lhe são impostas. Depende de certa forma de nós, poetas em potencial, a descoberta de novos mitos, quão mais condizentes que o mito de Pelé com a nossa sensibilidade.

O "panteon" que se prepara será constituído de divindades que não serão, necessariamente, todos do tipo das duas figuras mencionadas. A nova civilização que se prepara, e que tem no Brasil um dos seus focos, não será necessariamente tão somente a realização do sacro como ele aparece no futebol e no cinema. Outras regiões festivas e aventurosas podem ser descortinadas pela visão pioneira dos nossos poetas. Neste sentido é a "peleologia" que estou submetendo á apreciação dos leitores apenas um aspecto da mitologia do futuro. E aqui reaparece a soberba do intelectual que tentei refrear, em vão, no curso do argumento. Não devemos admitir que apenas os fanaticos do futebol e do cinema tipo Brigitte Bardot formem e informem o sentimento existencial do futuro. Não devemos admiti-lo, sob pena de ser o nosso tipo de existir excluído do projeto que se forma. E, afinal das contas, resume-se a isto toda a nossa atividade de seres pensantes: tentar pronagar a nossa maneira de ser e alcançar, desta maneira, uma certa forma de imortalidade. A imortalidade é, a meu ver, o verdadeiro empenho do homem. A procura de novos mitos é um outro nome do mesmo empenho. Reside na abertura de todas as nossas faculdades, inclusive as intelectuais, para o encoberto que nos cerca. E' preciso readquirir o espanto ante as potencialidades dos mitos "articulados que se precipitam sobre nós de todos os lados, e que podemos vislumbrar, embora nebulosamente, justamente agora, quando o projeto cansado da tecnologia se aproxima do fim do seu ciclo. Estamos, como indivíduos e como geração, em situação de fronteira (para utilizar um termo de Jaspers). E' uma situação perigosa, mas também promissora. Estamos a procura de novos empenhos. Façamos com que esses empenhos sejam mais próximos da nossa sensibilidade que os empenhos dos fanaticos de Lima. Façamos com que as nossas vidas sejam sacrificadas, se sacrificadas devem ser, em prol de mitos um pouco mais dignos da tradição ocidental, a qual, afinal, é uma corrente retilínea que desembocará, como influencia tributária, dentro da nova civilização a realizar-se.

(1) A não ser que queiramos considerar a imprensa vespertina como poesia.

S REVISTAS